



INSTITUTO  
BUTANTAN

*Os textos apresentados a seguir são reconstituições sintéticas dos depoimentos verbais proferidos pelos debatedores do evento dedicado à discussão acerca de instituições de pesquisa no estado de São Paulo. Procuramos assegurar, nesse trabalho de edição, o melhor compromisso entre fidelidade ao conteúdo e economia da forma. O registro de tais depoimentos por gravação, assim como sua transcrição literal encontram-se à disposição dos interessados nos arquivos do LEHC.*

Prof. Dr. José da Rocha Carvalheiro<sup>1</sup>

Inicialmente queria agradecer a Direção do Instituto Butantan e, em particular, agradecer ao novo Laboratório de História da Ciência que tenta resgatar não apenas o acervo, mas realizar um trabalho cientificamente orientado em relação a este acervo. Hoje, a Casa de Oswaldo Cruz, que é criada no período pós-queda da ditadura militar brasileira, já com o Prof. Sérgio Arouca assumindo a

---

<sup>1</sup> Coordenador dos Institutos de Pesquisa, professor livre-docente da Faculdade de Medicina da USP-Ribeirão Preto

Presidência da Fiocruz e convencendo o Paulo Gadelha, atualmente um dos vice-presidentes, ao invés de continuar a desenvolver as suas atividades de sanitarista, a se meter na aventura de fazer a Casa de Oswaldo Cruz. O Gadelha, conta isso na introdução da sua tese de doutoramento. A minha primeira observação do conjunto das apresentações é que, com o Laboratório Especial de História das Ciências, o Instituto Butantan passa a tentar superar esta deficiência que nós reconhecemos. O Cláudio, agora no final, falou do nosso horror aos cariocas e, o ano passado eu fiz a pedido da direção dos estudos avançados da USP um debate sobre saúde na cidade de São Paulo e convidei os dois gestores principais, o José da Silva Guedes, que era o secretário estadual e o Eduardo Jorge, que era o secretário municipal para fazer dois artigos. Fiz um comentário preliminar que foi censurado entre aspas. Eu fazia uma ironia de que a saúde pública paulista tinha sotaque carioca. O editor cortou este e colocou entre parênteses “o sotaque carioca da história da saúde pública paulista” na versão definitiva do texto. Evidentemente as diversas apresentações tiveram níveis inteiramente diferentes. A do Osvaldo foi uma espécie de relato de uma testemunha ocular de um processo. Ilustrando até com fotografias de seu acervo pessoal a decadência do Instituto Biológico. Eu sou vizinho do Biológico, a sede da República Independente da Vila Mariana, cujo primeiro ministro é o dono do Bar da Vila. Talvez esta decadência seja marcada por este fato.

Mas uma figura impressionante, dentre as diversas que o Osvaldo mencionou, é o Mauricio Rocha e Silva. Não é verdade que dava para entender o que ele falava, é uma mentira total, completa e absoluta. Só deu para entendê-lo quando em plena ditadura se proibiu a reunião anual da SBPC, que ia ser na Paraíba e foi transferida de urgência para São Paulo e a USP se afinou. Eu sou da USP e digo isso com a maior tranqüilidade e quem assumiu foi a PUC. Então no TUCA, Maurício Rocha e Silva, que era presidente da SBPC, fez um discurso perfeitamente compreensível. Enfim, eu acho que a fala do Osvaldo traz um pouco este sentido da deca-

dência. Eu não sei exatamente em que situação se encontra hoje o Biológico...

Da fala do Osvaldo, eu ainda fiz uma anotação do *push* e do *pool* de como se dá a evolução do conhecimento científico e fundamentalmente da etapa final do desenvolvimento tecnológico, ocasionando as inovações, que o sentido do *push*, acúmulo interno, o impulso dado pela comunidade científica de produzir e, por outro lado, os determinantes sociais que exigem que soluções sejam apresentadas para os problemas com que a sociedade se defronta.

Na apresentação da Maria de Lourdes, evidentemente o Mercadante e eu permanecemos aqui quando a sala estava às escuras, mas possivelmente se via a iluminação de orgulho com que o Mercadante e eu ouvíamos aquelas observações. O Mercadante foi o primeiro Presidente da CPRC e eu, ao substituí-lo na CST, herdei a Comissão Permanente de Controle da Raiva. Ao assumir a CST, já no governo Montoro, uma das primeiras coisas que fiz, acho que também das mais lúcidas, foi transferir para uma das minhas assistentes a responsabilidade de conduzir a CPRC, que era nada mais nada menos do que a Neide Takaoca, hoje diretora do Instituto Pasteur.

O Instituto Pasteur tem uma característica que o diferencia do Instituto Butantan, que é o fato de ele estar mais diretamente inserido dentro da estrutura de controle. Não é à toa que nesta violência que foi cometida na minha última gestão na CIP, ao se desfigurar a Coordenação de Instituto de Pesquisa e a nossa tentativa de criar uma Coordenação de Ciência e Tecnologia e Inovação acabou não prosperando. Apesar do esforço que nós fizemos, talvez mais de uma centena de pessoas que quase durante um ano inteiro, tentaram responder a essa agressão de desmanche, de desmonte da Coordenação dos Institutos de Pesquisa através de uma proposta, que era avançada e que foi interrompida. Aliás, a ausência dos gestores em uma reunião como esta, com a discussão que hoje aqui é feita, é bastante sintomática da relevância que se dá a esta que pode, e deve e será, fatalmente uma das principais atribuições dos níveis estaduais de estados avançados como São Paulo no futu-

ro da saúde pública do país. Com o processo de municipalização crescendo, vai restar aos níveis estaduais a coordenação geral das atividades de controle, por exemplo. E estados como São Paulo, que tem uma estrutura de institutos de pesquisa como nós temos, evidentemente não se pode dar ao luxo de atirar isto pela janela, levando-se em conta toda a construção que foi feita durante um século.

O Butantan evidentemente está na retaguarda disto. Não apenas pela produção científica, mas pela produção de produtos que são aqueles que vão dar a sustentação física aos programas de controle de doenças preveníveis por vacinas, sem excluir evidentemente o surgimento em um determinado momento do Hospital Vital Brazil que é, na estrutura do Butantan, o equivalente ao que faz o Instituto Pasteur de ser um dos elementos diretos. Este aspecto foi enfraquecido na sua função a partir do instante em que nós sanitaristas procuramos atendê-lo pela descentralização do atendimento, que foi um avanço. O Instituto Pasteur se recupera, eu acho que ele tem uma proposta moderna, ele, como centro de referência ligado a Organização Mundial de Saúde, evidentemente tem um papel da maior importância e isto tem que ser reconhecido. O curioso é que nesta proposta pouco difundida, pouco aprofundada, de revisão do formato da Secretaria de Estado da Saúde lhe foi inicialmente atribuída uma missão de laçar cachorros. Era uma missão que praticamente transformava o Instituto Pasteur, com toda a sua complexidade moderna de desenvolvimento científico, em alguma coisa relacionada com reservatórios, o que nem é a sua tradição, sua cultura institucional de trabalhar com reservatórios distintos daqueles reservatórios do vírus da raiva com que ele esta habituado a trabalhar.

Eu quero me concentrar um pouco para poder abrir às observações do Prof. Shozo e às observações de vocês no trabalho que esta sendo feito no Laboratório Especial de História das Ciências. Foi feita uma observação de um marco analítico, de um modelo de análise que evidentemente tem que ser pensado com muita seriedade. Não só o Nelson e a Hui, que aqui se apresentam como

autores na projeção, mas possivelmente existe um conjunto maior de pessoas, que faz com que se pense esta instituição na sua evolução. Mas o que me interessa é o aqui e o agora e a perspectiva que nós temos para o futuro, resgatando todo este percurso do começo do século passado até o momento atual, mas pensar um pouco a inserção do Instituto Butantan nesta proposta de discussão atual do projeto de inovação, da concepção de inovação e de tentarmos, eu acho que para isto o modelo de análise adotado deva realmente ser pensado com profundidade, porque ele não apenas resgata as interpretações de infra-estrutura. Eu me baseio no modelo analítico do Juan Samara, um epistemólogo argentino que tem circulado muito entre nós, tem vindo regularmente aos nossos congressos de saúde coletiva de epidemiologia e tem algumas reflexões que para mim são da maior importância. Nestas questões todas que apontam o modelo, eu tenho que escolher qual é o meu nível de ancoragem, qual é o meu nível de enclave. E tenho que entender este nível de ancoragem; ele se serve do que está abaixo dele como insumos para poder compreendê-lo e também tem que levar em conta o que está acima deste plano, que são as variáveis de contexto. Como no modelo que vocês estão propondo. Nós estamos trabalhando em uma instituição, mas temos que buscar o que de fato nós queremos com a análise, para não confundirmos o papel que ela tem nas definições de política, com o papel que a infra-estrutura e as polêmicas que são travadas na infra-estrutura a informam, para fazer uma análise real daquilo que vocês estão chamando de variáveis dependentes, que seria uma definição daquilo que nos interessa em termos de produção, no sentido genérico, de resultados. Fazendo com que aquela análise dos resultados tenha componentes supra institucionais, que são os componentes de contexto e que tenham um conjunto de componentes infra, que são os componentes de toda a dinâmica interna. Eu acho que nós estamos neste momento, no começo do século XXI, com uma necessidade imperiosa de rever nosso modelo, que é o modelo pasteuriano do final do século, da segunda metade do século XIX, a propostas de instituições

tipo Instituto Pasteur e que se reproduzem em todo o mundo, em particular nas Américas, não apenas no Instituto Oswaldo Cruz, no Rio, no Instituto Butantan, no Instituto Adolfo Lutz e em vários outros na América inteira. É repensar isto para o século XXI, com tudo o que a globalização esta nos trazendo, com tudo o que os conceitos de inovação, desde a invenção.

No caso específico de vacinas, o controle de doenças preveníveis por vacinas, desde o esforço da invenção na bancada até a inovação de fato e a sua introdução com efetividade na prática da saúde pública tem-se um longo percurso de desenvolvimento que hoje é o ponto central de reflexão no mundo inteiro. Quando se pensa em inovação, está se fazendo em nível internacional uma discussão do que acontece nos países que não são centrais, que não são economicamente desenvolvidos. Quem estuda esta questão com profundidade identifica apenas 11 de uma massa de 160 ou 170 países que tem alguma condição de competir no mercado globalizado como uma capacidade de participar disto, e nós somos um deles. Nas Américas é Brasil, Argentina e México e no total são 11 países. O Instituto Butantan é evidentemente na área da saúde um dos elementos essenciais. Acho que isso é que nós temos que começar a discutir, nos inserirmos dentro do debate internacional do que vem a ser a inovação. A inovação entendida como um bem público global, que é uma grande discussão ética que hoje se trava no mundo inteiro, que não deveria ser patenteável, pelo menos as coisas do âmbito da saúde e do âmbito da agricultura para combate a fome. Evidentemente que entre a ingenuidade ética de um conjunto de pessoas e a objetividade mercadológica dos donos do mundo e com a eleição do Bush, no início desta semana, nós possivelmente vamos continuar a ter uma longa jornada para vencer o poder hegemônico que o resto do mundo existe. Bom, eu congratulo os apresentadores todos, e fundamentalmente com o Instituto Butantan, com o Dr. Otavio e com o Dr. Nelson e com a criação deste laboratório que acho que é um terrível avanço. Obrigado.

Prof. Dr. Shozo Motoyama<sup>2</sup>

Eu gostaria de agradecer inicialmente o convite para estar aqui e dizer que passei uma manhã muito agradável. Realmente estou muito feliz de participar desta reunião mas, antes de fazer alguns comentários vou aproveitar também para fazer o marketing daquilo que nós estamos fazendo. Acabamos de publicar dois livros este ano: um é o “Prelúdio para uma História – Ciência e Tecnologia no Brasil”, publicado pela Edusp e FAPESP, em que fazemos um apanhado, um estudo preliminar da história da ciência e tecnologia do Brasil desde o período colonial até os nossos dias. Cada vez que eu participo de reuniões como esta, mais eu me convenço de que o título está realmente muito correto. Quer dizer, é realmente um prelúdio, ainda falta muita coisa para poder se falar com um pouco mais de competência sobre a história dessas áreas que estão aqui no país. Também publicamos recentemente um livro sobre a Escola Politécnica, cujo título é “A Escola Politécnica – 110 anos construindo o futuro”, falando da história da Escola Politécnica. E finalmente, eu gostaria de dizer que na quinta-feira que vem, no dia 11, o nosso Centro vai organizar, promover um simpósio com o título de “O Futuro da Educação, Ciência e Tecnologia no Brasil – uma perspectiva histórica”, no qual tentaremos discutir esta questão candente, principalmente da universidade e dos institutos de pesquisa, tentando rever estratégias para um futuro próximo aqui no Brasil. É muito importante que haja a participação de toda comunidade científica e eu gostaria muito de que os senhores participassem – as senhoras também – desse simpósio que vai ocorrer na sala do Conselho Universitário, na Reitoria da Universidade de São Paulo.

Então, deixada de lado esta parte de marketing, gostaria de fazer alguns pequenos comentários em relação àquilo que pude

---

1 Diretor do Centro Interunidade de História da Ciência e professor titular da FFLCH da USP.

observar, sentir e aprender nesta manhã. Foi realmente bastante estimulante ver pessoas que trabalham na área falando sobre seu passado e tentando então recordá-lo, mas pensando no presente e no futuro. Porque tanto na fala do Dr. Osvaldo quanto da Dra. Maria de Lourdes, eu entendi perfeitamente o recado que estas duas pessoas estavam querendo passar, de uma forma bastante interessante; bastante pessoal no caso do Dr. Osvaldo e um pouco mais institucional no caso da Dra. Maria de Lourdes. Percebe-se que existe um interesse cada vez maior sobre a história entre os pesquisadores, uma atitude que eu acredito ser um grande ganho para a nossa comunidade científica. É pena que geralmente esse tipo de interesse surja muito mais para as pessoas já com uma história de vida, com uma história na área de pesquisa e os jovens ainda não estejam tão interessados, como a gente pode ver pela grande maioria das pessoas que aqui estão.

O que foi extremamente interessante para mim é o trabalho que o Laboratório de História da Ciência do Instituto Butantan está desenvolvendo de maneira muito séria e profissional, tentando primeiro estabelecer a metodologia, fazer um mapeamento de todos os estudos que se fazem nessa área; acho que isso é extremamente importante e neste sentido eu vejo um trabalho que, se levado a diante, eu tenho até a impressão que será um trabalho muito mais substantivo do que o que está sendo feita pela Casa de Oswaldo Cruz.

Vejo um trabalho mais sistemático, estruturado que, na minha opinião, tem muito futuro. Eu espero que isso não morra, como muitas vezes tem acontecido na nossa história.

E finalmente, eu só queria fazer uma referência em relação a história da ciência e da tecnologia no Brasil muito bem colocada pelo Prof. Cláudio Bertolli, ressaltando que a história é muita ampla e diversificada. Eu acredito que não exista uma história única e verdadeira. Mas, do meu ponto de vista, tem um livro de história das ciências dos Estados Unidos muito interessante, muito pouco conhecido aqui e que se chama "Os Físicos", (talvez eu possa ser



acusado de fazer uma propaganda de um livro que me faz lembrar de minha juventude, porque eu fui físico, astrofísico, eu trabalhei alguns anos nesta área mas, enfim, por circunstâncias da vida eu passei para um outro amor que é a história). Este livro é muito importante do ponto de vista da historiografia porque foi publicado em 1971, há mais de 30 anos, deve estar com mais de 10 edições. O que é um caso muito raro para um livro de pesquisa sobre a ciência e a tecnologia, dentro da sociedade norte-americana como um todo. O fluir do texto faz com que nós sintamos então uma certa identidade com o que ele coloca e tem esse título justamente porque mostra que, no caso da comunidade científica norte-americana, foram os físicos que capitanearam esse processo da inserção política da comunidade científica dentro dessa sociedade norte-americana e o mais interessante é que mostra uma série de tendências, uma série de conflitos dentro da própria comunidade científica mas como parte dos conflitos existentes dentro dessa sociedade; num certo sentido eu diria até que é uma saga dos cientistas norte-americanos naquela sociedade, mas isso não tira o seu brilho como um livro de pesquisa, como um livro acadêmico. É um tipo de historiografia que eu gostaria de ver difundida aqui e que se parece bastante com aquele tipo que aparentemente o Laboratório de História das Ciências, do Instituto Butantan, está querendo fazer. Quer dizer, uma inserção social dentro da sociedade brasileira e como lembra o Prof. Carvalheiro, também uma inserção dentro deste mundo que nós chamamos de globalizado. Ou seja, é muito importante hoje que pensemos na história, porque a história está mudando e nós temos que pensar evidentemente de uma forma positiva, acreditando que nós cientistas, pesquisadores e intelectuais temos um papel importante a desempenhar dentro deste contexto. A sociedade que está vindo e, ao que tudo indica, será uma sociedade de conhecimento nela, os cientistas certamente terão um papel mais importante ainda do que tiveram no século XX. Discussões deste tipo que estamos fazendo aqui são extrema-

mente importantes em função exatamente do tempo que nós estamos vivendo, um tempo de transição, um tempo de mudança e aí eu vou fazer um marketing para a nossa área. Em que a história, certamente o historiador tem um papel fundamental, mas, mais do que historiador, mais do que qualquer indivíduo, eu acredito que nós poderemos ajudar na construção de um futuro melhor para a sociedade como uma comunidade. Esta palavra pode não parecer muito adequada porque nós também temos os nossos atritos e conflitos, com esse segmento social que chamamos de pesquisadores. Muito obrigado.